



miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 2, número 1, abr. 2013

O CEMITÉRIO DOS VIVOS E A DISTINÇÃO ENTRE AUTOR E PERSONAGEM NO CAMPO ESTÉTICO



THE CEMETERY OF THE LIVING AND THE DISTINCTION BETWEEN AUTHOR AND CHARACTER IN THE AESTHETIC FIELD

Tiago Nascimento SILVA
URCA, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 10/02/2013 • APROVADO EM 03/04/2013

Abstract

This paper approaches the issue of autobiographical aspect and its relation to literary categories such as the author, while aware that aims to work, and character, responsible entity for the whole experience of the narrative. In this perspective, in support of the thesis that the characters created by Lima Barreto should not be automatically associated with the writer, we analyze the text of *The cemetery of the living*, written by the author of Rio. As Theoretical support, we shall observe the concepts of person-author, author-creator and character, in the light of the vision of Bakhtin (2010). Besides this theoretical framework, bakhtinian clarification presented by Faraco (2009) and considerations of Volochínov / Bakhtin (2012) it also shows considerable to illustrate that, despite certain similarities, author and character are truly distinct.

Resumo

Este trabalho aborda a questão do aspecto autobiográfico e sua relação com categorias literárias como autor, enquanto consciência que objetiva a obra, e personagem, entidade responsável por vivenciar o todo da narrativa. Nessa perspectiva, na sustentação da tese de que os personagens criados por Lima Barreto não devem ser automaticamente associados ao escritor, analisaremos o texto de *O cemitério dos vivos*, escrito pelo autor carioca. Como suporte teórico, observar-se-ão os conceitos de autor-pessoa, autor-criador e personagem, à luz da visão de Bakhtin (2010). Além desta fundamentação teórica, esclarecimentos bakhtinianos apresentados por Faraco (2009) e considerações de Volochinov/Bakhtin (2012) também se mostram consideráveis para ilustrar que, apesar de determinadas semelhanças, autor e personagem são, de fato, distintos.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Author-person. Author-creator. Character. The cemetery of the living. Distinction.

PALAVRAS CHAVE: Autor-pessoa. Autor-criador. Personagem. O cemitério dos vivos. Distinção.

Texto integral

Ao nos propormos a analisar um objeto estético literário, é imprescindível ter em mente que o estudo não deve acontecer numa perspectiva de corroborar determinadas teorias críticas e científicas através da linguagem. Muito pelo contrário, a obra literária apresenta traços e procedimentos próprios que são relevantes e suscitam questões pertinentes à própria configuração do construto ficcional.

Em se tratando de Lima Barreto e sua obra, há, nos estudos, uma inclinação muito forte para tratar como deliberadamente autobiográficos os escritos deste autor. É de fato neste ponto que reside uma consideração problemática, em diversos casos entendida até mesmo como um indicador inquestionável de quase reprodução da vida do escritor em seus textos: as construções ficcionais de Lima Barreto são de fato uma extensão reproduzida da personalidade do autor e devem ser consideradas como marcas acentuadamente autobiográficas?

Não é de se negar nos textos do escritor carioca a verossimilhança e aparência de certos aspectos ficcionais em relação à história de Lima Barreto. Entretanto, ponderar acerca dos limites que separam autor e obra é importante

para manter a lucidez no estudo e evitar equiparações hiperbólicas na aproximação entre autor e personagem na obra literária, dois elementos distintos.

A fim de promover uma discussão concernente à disparidade entre esses dois elementos, trazer à tona conceitos bakhtinianos como o de autor-pessoa, autor-criador e personagem contribui na análise da ideia de que, muito embora haja supostas semelhanças, é incoerente considerar que Lima Barreto “está” em suas obras. Somando-se a isso, investigar essa problemática dentro da própria obra do autor pode ser um recurso salutar no aprofundamento da questão. Uma vez que o livro *O cemitério dos vivos* aborda de maneira pertinente as três categorias literárias supracitadas, observaremos atentamente esta obra para discorrermos com mais suportes a respeito do posicionamento aqui desenvolvido.

É importante, antes de enviesar a discussão, perceber o conceito de biografia ou autobiografia na criação estética. Bakhtin (2010, p. 139) diz o seguinte: “Entendo por biografia ou autobiografia (descrição da vida) a forma transgrediente imediata em que posso objetivar artisticamente a mim mesmo e a minha vida.” Não se reduz a uma simples materialização do vivenciamento de quem escreve, e sim uma espécie de descrição de si mesmo na qual a vida será, até certo ponto, construída de forma artística.

Conforme o pensamento de Bakhtin, a noção de autor precisa ser entendida em seus campos específicos para não haver de se realizar uma transposição de equivalências impossíveis.

O autor-pessoa é o indivíduo, ser social, que possui uma consciência própria e que tem uma vida não só física, mas cultural desenvolvida no decorrer de uma interação com os seus semelhantes. Utilizando os próprios termos de Bakhtin (2010, p. 09), o “elemento do acontecimento ético e social da vida”.

O autor-criador, por sua vez, trata-se de um elemento da obra, uma consciência autônoma que objetiva a vida social de maneira particular, isso quer dizer, sem imitá-la, criando assim um objeto estético também particular.

A concepção de personagem gira em torno do objeto estético elaborado para o vivenciamento da obra. É a objetivação ficcional de uma realidade que, apesar de não ser uma materialização automática e literal da realidade, pode estar de alguma forma a ela relacionada.

Em *O cemitério dos vivos*, é narrada a desafortunada vida de Vicente Mascarenhas, personagem que, devido às adversidades da vida social, à sua introspectividade e ao desarticulado modo como reage a tudo, mergulha no alcoolismo e acaba por ser internado por duas vezes, num hospício. É evidente que esse enredo mostra-se contíguo ao que viveu Lima Barreto. Todavia, as noções relacionadas a autor e personagem, e até mesmo o próprio texto literário em questão, auxiliam a perceber que não se trata simplesmente de uma autobiografia.

Logo no início da narrativa, o assunto alcoolismo é suscitado. A sociedade representada no texto via a dipsomania como uma espécie de patologia hereditária. O trecho a seguir não pode ser visto como uma reprodução literal do pensamento da pessoa de Lima Barreto, e sim como um posicionamento particular da consciência por ele criada, o narrador Vicente Mascarenhas, que, embora possua características semelhantes às do autor, não é, sob pena de estar sendo reducionista e incoerente na análise literária, o homem que redige o texto:

Demais, um vício que vem, em geral, hábito individual, como pode de fato impressionar o aparelho das gerações, a não ser para inutilizá-lo, até o ponto de determinar modificações transmissíveis pelas células próprias à fecundação? Por que mecanismo iam essas modificações transformar-se em caracteres adquiridos e capazes de se constituírem em herança? (BARRETO, 2010, p. 151).

Há, no excerto, um deliberado questionamento do narrador-personagem Vicente. Este age com uma consciência específica que atua no mundo interior do trabalho estético e a ele deve estar associado. As palavras do enunciador podem até estar em consonância com o pensamento do autor. Em todo caso, isso não é o suficiente para dizer que o mulato carioca, por conta da execração discursiva demonstrada pela realidade na qual estava situado, achou por bem mostrar-se dentro de um livro. Essa consciência evidencia uma possibilidade de identificar traços que sejam até consideráveis entre autor e personagem, mas não é Lima Barreto falando de si mesmo.

A análise aqui feita não ignora totalmente a semelhança aparente entre a narrativa criada em *O cemitério dos vivos* e a realidade pela qual passou o autor da obra. Apesar disso, e por isso mesmo, é que trabalhamos no sentido de tornar claro que o texto escrito é uma criação, iniciativa estética subjetiva, cuja realidade é

apresentada de maneira própria. É este o ponto fulcral de nossa observação. Há um matiz significativo que diferencia o indivíduo que sofreu na pele o preconceito, um segundo, responsável por configurar literária e melancolicamente a questão do preconceito (essa consciência artística já não é matéria da vida real) e o personagem que trata das agruras vivenciadas no hospício. Três consciências que não podem se confundir.

Nesse sentido, poder-se-ia insistir na afirmação de que, em determinados momentos, é o próprio Lima Barreto quem parece “falar” no livro:

Sou, e hoje posso afirmar sem temor, sujeito a certas impressões duradouras, tenazes, que me açodem todos os dias à lembrança, por estas ou aquelas circunstâncias aparentemente sem relação com o fundo delas. Não sei nunca porque me ficaram e, as mais das vezes, não posso verificar o instante em que elas me ficaram. (BARRETO, 2010, p. 153).

É de se ver que o discurso apresentado é uma construção subjetiva, elaborada por um autor-criador, que, utilizando-se da atividade estética, cria um personagem detentor de uma consciência própria. O discurso, portanto, é uma objetivação da consciência do personagem. O aspecto dessa consciência, no caso, de narrador-personagem (relacionando, obviamente, à narrativa de *O cemitério dos vivos*) expressa uma afirmação particular, fruto da influência do outro, isto é, do meio social. Não é, mais uma vez sustentamos, uma cópia de Lima Barreto, uma transcrição da vida para as letras. Trata-se de um procedimento particular de uma categoria literária, o personagem, que manifesta sua percepção acerca dos juízos de valores (vários discursos axiológicos) proferidos pelo outro e constrói, digamos assim, em si uma ideia a partir dos outros para consigo.

A leitura de Faraco acerca da perspectiva de Bakhtin no que compete ao conteúdo na obra estética permite-nos uma visão salutar na relação entre a criação artística e a vida exterior, no caso, a do autor:

Segundo ele [Bakhtin], o conteúdo não deve ser entendido como uma ideia, um referente, um tema, um conceito. É antes o modo como são ordenados pelo autor-criador os constituintes éticos e cognitivos recortados (isolados), transpostos para o plano estético e consumado numa nova unidade de sentidos. (FARACO, 2009, p. 104).

Partindo desse princípio, no momento em que os prováveis fatos da vida do próprio autor, no caso, Lima Barreto, são recortados e abordados no plano estético, eles passam por uma reconfiguração, pois já não são os mesmos da vida real e serão contemplados agora em outro plano.

No trabalho de construção artística, reside o fato de que há um elemento, uma base, responsável por permitir uma associação entre a arte e tantas outras formas sociais. Abordar questões relacionadas à vida é uma possibilidade que, no mínimo, não revela nenhuma estranheza no entendimento de um material estético. Entretanto, as diferenças concernentes aos constituintes arquitetônicos de uma produção ficcional, por exemplo, em comparação com a realidade objetiva passível de observação devem ser consideradas, haja vista esta não ser, de todo, equivalente àqueles.

Para Volochinov/Bakhtin (2012, p. 3):

a comunicação artística deriva da base comum a ela e a outras formas sociais, mas, ao mesmo tempo, ela retém, como todas as outras formas, sua própria singularidade; ela é um tipo especial de comunicação, possuindo uma forma própria peculiar. Compreender esta forma especial de comunicação realizada e fixada no material de uma obra de arte – eis aí precisamente a tarefa da poética sociológica.

O fruto da elaboração estética é composto em situações particulares e provido de características estritamente pertinentes ao campo da atividade artística humana, sendo esta um ato subjetivo e singular não apenas por conta dos fatores circunstanciais que a englobam, mas também pela própria essência da atividade em si. Distinguir os fatores sociais dos componentes intrínsecos a uma obra, que, apesar disso, podem remeter a uma forma social da realidade objetiva, afasta a equivocada transposição do plano artístico para o real ou deste para aquele.

Alertar-se para uma leitura cautelosa em que determinadas peculiaridades composicionais da obra são percebidas dá ao entendimento do texto literário, enquanto material estético, uma profundidade técnica que não subsume, em hipótese alguma, a perspectiva subjetiva e contemplativa da produção.

O cemitério dos vivos está perpassado por aspectos que entrecruzam fatos análogos aos da vida real de Lima Barreto e situações ficcionais arquitetadas.

Contudo, é justamente por serem apenas análogas às situações da vida que não se pode atribuir um caráter documental à narrativa de Vicente:

Como ia dizendo, porém, continuei a emprestar livros a dona Efigênia e mesmo lia alguns dos que emprestava, para poder conversar com ela sobre as leituras. Assim, pouco a pouco, fui vencendo o fingido desprezo que tinha pela literatura; e, quase sem sentir, dei em me interessar pelas suas coisas. Deixei aquela falsa e tola atitude positiva de só falar em Shakespeare, Dante e Molière; e falei sem fingido pudor em outros autores, alguns menores, mas alguns tão grandes quanto aqueles. (BARRETO, 2010, p. 163)

Quanto ao trecho supracitado, percebemos uma atitude confessada pelo narrador-personagem. No mais das contas, esboça uma crítica à postura do senso comum de prestigiar apenas os cânones literários. Esse trecho mostra uma ideia estabelecida pelo autor-criador e não pelo autor-pessoa, Lima Barreto. Há algo de mais abstrato. É um procedimento estético da consciência de um autor-criador que possui uma visão apurada em relação ao personagem. Não significa, pois, uma “vingança” do escritor carioca contra os indivíduos do mundo exterior, da vida propriamente dita, que não o liam.

Até mesmo o próprio aspecto da loucura deve ser visto em *O cemitério dos vivos* com certa ressalva. Citemos essa situação marcadamente significativa como algo que se configura e tem resultados diferentes de acordo com cada plano de profundidade aspectual em que se observa. A esses planos correspondem as três noções já apresentadas, isto é, o autor-pessoa, item não considerado como intrínseco à obra; o autor-criador, plano cuja consciência enforma arquitetonicamente a obra; e o personagem, instância verossímil da obra literária em si. No livro, podemos afirmar que a forma com que Vicente relata a repugnância do meio social, no que diz respeito aos estereótipos, por exemplo, os estrangeiros e os rotulados na relação cor e condição das faculdades mentais, revela um eu indivíduo manifestando uma ideia a partir de suas próprias impressões. Isso não é necessariamente uma expressão do pensamento de Lima Barreto colocado no papel:

A polícia, não sei como porquê, adquiriu a mania das generalizações, e as mais infantis. Suspeita de todo o sujeito

estrangeiro com nome arrevesado, assim os russos, os polacos, romanos são para ela forçosamente caftens; todo cidadão de cor há de ser por força um malandro; e todos os loucos hão de ser por força furiosos e só transportados em carros blindados. (BARRETO, 2010, p. 178).

Ora, não está sendo dito aqui com esse trecho, e na perspectiva argumentativa defendida, que Lima Barreto não tenha deixado transparecer nada de seu sofrimento de vida em sua obra. Muitos são os textos que englobam situações pelas quais o homem Lima Barreto passou (o conto *Como o “homem” chegou*, por exemplo, aborda esse rigor e desprezo da polícia em relação aos insanos). Todavia, é mais válido dizer que a consciência estética do mulato enquanto escritor elabora personagens de si mesmo (e aí já não o é mais) para representar analogamente fatos que, mesmo sendo redundante, é importante dizer, na realidade, foram vividos por uma pessoa, mas na literatura eles são uma manifestação simbólica cuja base é a vida real.

A entrada no hospício por conta do alcoolismo e das alucinações deu à consciência criadora de Lima Barreto uma profundidade perceptiva dos sofrimentos humanos. A consequência para tal fato refletiu-se figurativamente numa espécie de construção romântica do sofrimento e da dor, claro, num sentido de introspectividade e subjetivismo melancólico. Essa reação, porém, não se manifesta no texto como sendo do dipsomaníaco delirante, até porque não é, e sim do personagem que sente as dores e o sofrimento da reclusão:

Em tal estado de espírito, penetrado de um profundo niilismo intelectual, foi que penetrei no Hospício, pela primeira vez; e o grosso espetáculo doloroso da loucura mais arraigou no espírito essa concepção de um mundo brumoso, quase mergulhado nas trevas, sendo unicamente perceptível o sofrimento, a dor, a miséria, e a tristeza a envolver tudo, tristeza que nada pode espantar ou reduzir. Entretanto, pareceu-me que ver a vida assim era vê-la bela, pois acreditei que só a tristeza, só o sofrimento, só a dor faziam com que nós nos comunicássemos com o Logos, com a Origem das Coisas e de lá trouxéssemos alguma coisa transcendente e divina. Shelley, se bem me recordo já dizia: “os nossos mais belos contos são aqueles que falam de pensamentos tristes”. (BARRETO, 2010, p. 189).

A ênfase nos termos de carga semântica negativa, *sofrimento*, *dor*, *miséria* e *tristeza*, pode até revelar uma semelhança com o estado de espírito no qual o

escritor se encontrava. Mesmo assim, atribuir a ele o discurso do personagem que perdera a esposa e acabara num hospício é confundir a existência material com a figuração literária.

Trazer à tona outra consideração de Volochinov/Bakhtin contribui no esclarecimento da estratégia organizacional de escolha dos termos utilizados pelo autor do texto:

Julgamentos de valor, antes de tudo, determinam a *seleção de palavras* do autor e a recepção desta seleção (a co-seleção) pelo ouvinte. O poeta, afinal, seleciona palavras não do dicionário, mas do contexto da vida onde as palavras forma embebidas e se impregnaram de valor. (VOLOCHINOV/BAKHTIN, 2012, p. 10).

Ora, se o contexto significativo em que as palavras adquiriram especial valor é importante para delimitar, até certo ponto, que termo vai ou não vai ser escrito num texto, é possível inferir a intensa carga de verossimilhança dos termos selecionados por Lima Barreto para representar, e não retratar, o seu sofrimento. Dessa forma, esse recurso intencionalmente utilizado não tem um fim em si mesmo, no sentido de apenas “expressar” os sentimentos do escrevente, e sim de suscitar determinada empatia do interlocutor, a partir de uma sensibilidade estética arquitetonicamente elaborada.

Dentre os fatores voltados à distinção entre autor e personagem no texto de *O cemitério dos vivos*, faz-se necessário estabelecer uma reflexão a partir das observações onomásticas contidas na obra, com foco específico no personagem central da trama.

De início, é óbvia a similitude entre o nome do personagem responsável por vivenciar as desventuras da narrativa, Vicente Mascarenhas, e a rua em que Lima Barreto morava, Major Mascarenhas, no tempo. Considerar esse recurso de elaboração como um procedimento estético de aproveitamento da realidade, de reconfiguração singular de um elemento da vida, não envolve em si a ideia de transmissão literal de um campo, o do mundo, para outro, o da arte.

Ao confrontarmos o texto editado de *O cemitério dos vivos* com o manuscrito, notaremos suposta proximidade entre Lima Barreto e o personagem por ele criado. No decorrer das páginas, essa proximidade é um ponto dos mais problemáticos, por assim dizer, do estudo.

Há uma oscilação entre os possíveis nomes do protagonista da narrativa. O nome de Vicente é substituído, em determinados momentos, pelo de Azevedo (p. 160 e 225), Fortunato (p. 192), Flamínio (p. 198, 209 e 231), Torres (p. 201), César Flamínio (p. 229), Flamínio Torres (p. 249) e, um dos casos mais emblemáticos, há a colocação, conforme o manuscrito, do próprio nome de Lima Barreto (p. 235), que depois seria substituído por Flamínio Azevedo.

A modificação dos substantivos não explicita, de forma alguma, uma extensão literal da vida de Lima Barreto. O processo de elaboração literária possibilita ao autor uma atribuição onomástica que pode não ser aleatória, e, no mais das vezes não o é, muito pelo contrário, contribui mesmo como uma espécie de pista, isto é, de recurso valioso para o entendimento da trama.

No caso da obra analisada, a disparidade na nomenclatura dos personagens não permite dizer nada sobre o autor, principalmente no momento em que Lima Barreto cita o próprio nome. Nesse instante, não é incoerente afirmar uma provável compenetração do autor-criador no processo de elaboração e até mesmo um grau acentuado de verossimilhança que resulta numa quase suspensão da descrença, convertendo-se, pois, num jogo confuso no que respeita à criação do personagem.

Retomar as palavras de Bakhtin faz-se considerável na ilustração da maneira como criador da obra estética e personagem podem ser confundidos no todo da obra. Isso, no entanto, não exclui a diferença entre eles:

Entre todos os valores artísticos, o biográfico é o menos transgrediente à autoconsciência; por isso, na biografia o autor está mais próximo do herói desta, os dois como que podem trocar de lugar, e por esta razão é possível a coincidência pessoal entre personagem e autor além dos limites do todo artístico. (BAKHTIN, 2010, p. 139).

Apesar disso, é de se ver que, mesmo se Lima Barreto tivesse escrito toda a obra com o seu próprio nome, aprofundamos mais ainda a percepção, ainda que ele tivesse recontado toda a sua história, com os devidos participantes, pormenores e sem contribuição de elementos ficcionais, tudo isso equivaleria a uma projeção do autor vista a seus olhos. Em outras palavras, ele criaria um personagem para interpretá-lo, porém, essa interpretação seria uma manifestação

particular da atividade estética, a autobiografia seria, no máximo, um constituinte do processo de elaboração do enredo, nunca, sob hipótese de se estar travando conflito com campos diferentes – o da vida e o da arte –, algum apreciador poderia inferir que o homem estendesse sua vida social no papel.

O trabalho aqui realizado não visa a uma cabal desconsideração dos elementos semelhantes em se tratando da vida de Lima Barreto e de sua obra *O cemitério dos vivos*. O foco da observação, no entanto, gira em torno da ideia de que, ainda que sejam marcadamente fortes tais semelhanças entre o homem e o livro por ele escrito, não há como considerar a criação estética como mera reprodução autobiográfica do autor.

O vivenciamento do mundo social e a gama de valores axiológicos, pelos quais o autor Lima Barreto passou, são significativos para a constituição da sua própria personalidade e também, de certa forma, para a construção do material estético ao qual se propôs. Apesar disso, é de se ver que, no processo de criação artística, o plano estético assume uma posição na qual os acontecimentos da vida real serão trabalhados de forma a construir sentidos específicos, cujos inúmeros propósitos estão muito além da simples ideia de relato.

Referências

BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. 5. ed. Introdução e tradução do russo por Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

BARRETO, Lima. *Diário do hospício; O cemitério dos vivos*. Prefácio de Alfredo Bosi; organização e notas: Augusto Massi Marcondes Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

FARACO, Carlos Alberto. O problema do conteúdo, do material e da forma na arte verbal. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 95-111.

VOLOCHINOV [BAKHTIN]. *Discurso na vida e na arte: sobre a poética sociológica*. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza da edição inglesa de TITUNIK, I. R. "Discourse in life and discourse in art – concerning sociological poetics". In: VOLOCHINOV, V. N. *Freudism*. New York: Academic Press, [1926] 1976. Disponível em:

<http://www.fflch.usp.br/dl/noticias/downloads/Curso_Bakhtin2008_Profa.%20MaCristina_Sampaio/ARTIGO_VOLOSH_BAKHTIN_DISCURSO_VIDA_ARTE.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2012.

Para citar este artigo

SILVA, Tiago Nascimento. O cemitério dos vivos e a distinção entre autor e personagem no campo estético. **Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 2, n. 1, p. 108-119, abr. 2013.

O Autor

Tiago Nascimento Silva é graduado em Letras pela Universidade Regional do Cariri – URCA. Estudante do curso de especialização em ensino de língua portuguesa e literatura brasileira e africana de língua portuguesa da URCA. Pesquisador voluntário do Núcleo de Pesquisa em Estudos Linguísticos e Literários (NETLLI) – URCA.